

POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL ANTIRRACISTA: possibilidades de práticas pedagógicas fundamentadas nas relações étnico-raciais

MEIRIANE FERREIRA BEZERRA SANTOS

UFAL

meiriane.bezerra@progep.ufal.br

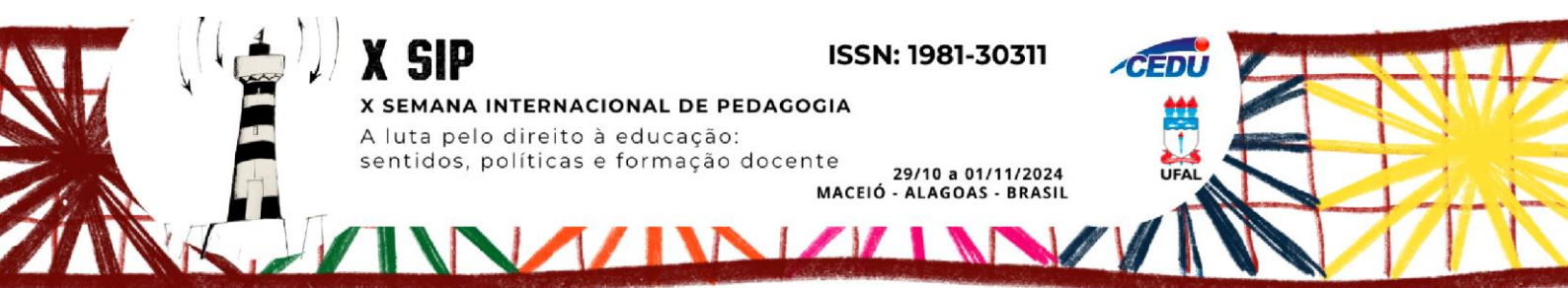
1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem o objetivo descrever sucintamente o Projeto “Por uma educação infantil antirracista” situando algumas práticas pedagógicas desenvolvidas a partir da escolha de incluir no currículo da educação infantil a educação para as relações étnico-raciais. Mas, por onde e como começar? Começemos pelo porquê.

O *racismo* no Brasil enquanto uma construção sócio-histórica traz consigo o *preconceito* e a *discriminação racial*, acarretando prejuízos à população negra nas diferentes fases do ciclo da vida, independente da camada social e da região de moradia; reforça-se pela linguagem comum, mantém-se e alimenta-se pela tradição e pela cultura, ao mesmo tempo em que influencia a vida, a forma como as instituições se organizam e as relações interpessoais. (Eurico; Quintiliano apud Eurico, 2020, p.63)

A partir dessa constatação verificamos a urgência de tornar-se, fazer-se um educador ou educadora antirracista; e tal empreitada carece de entendimento sobre as bases nas quais se estrutura o racismo, por meio de um letramento racial. Em outras palavras

O educador, a educadora antirracista é, acima de tudo, uma pessoa consciente de si dentro dos sistemas de opressão que estruturam a nossa sociedade. Ele/ela é aquele sujeito que, em uma sociedade estruturalmente racista, compreende que não há como fugir psicologicamente desse mal social se não destruímos o racismo em suas bases. (PINHEIRO, 2023, p.145)



Assim, consideramos neste trabalho, abordar sobre práticas que se desenvolvem a partir de um posicionamento docente comprometido com as pautas sociais urgentes que se verificam há muito tempo no nosso país, entre as quais, situamos o antirracismo. Obviamente, o avanço das discussões no Brasil, com ênfase para a atividade do movimento negro, a formulação de leis que finalmente transformaram o racismo em crime e a ampliação da problematização levada a efeito pelas redes sociais, não dão conta de combater a continuidade dos altos índices de prejuízos, exclusões, discriminações e violências à população negra, expostos pelas mídias no cenário nacional e mundial.

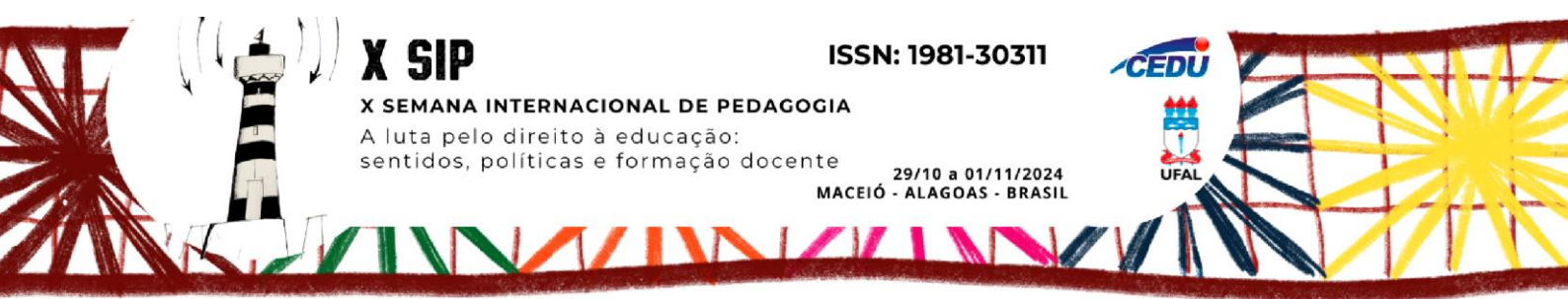
Seria mais responsável e ético discutir o fato de que a cada 23 minutos um jovem é assassinado no Brasil, o que mostra que indivíduos negros compartilham experiências de violência estatal pelo fato de pertencerem ao grupo negro (*locus social*) do que perder energia em falar das experiências individuais distintas, como se isso não fosse próprio do humano. Acredito que nem todas as pessoas brancas se identifiquem entre si e tenham as mesmas visões, mas existe uma cobrança maior em relação aos indivíduos pertencentes a grupos historicamente discriminados, como se fossem mais obrigados do que grupos localizados no poder de criar estratégias de enfrentamento às desigualdades. (RIBEIRO, p.69, 2020).

Na verdade, esse deveria ser um compromisso ético de todos as pessoas que não concebem o racismo como algo tolerável. O combate e o enfrentamento ao racismo é uma tarefa de todos, inclusive das pessoas brancas, mesmo que tenham lugares de fala diferentes. No campo da educação, consideramos que toda professora e todo professor, em qualquer nível ou etapa da educação, precisam construir uma práxis combativa a qualquer tipo de preconceito ou discriminação.

2 OBJETIVOS

O projeto teve como objetivo desenvolver práticas pedagógicas que fomentassem uma educação para as relações étnico-raciais, numa perspectiva antirracista, reafirmando a importância da diversidade junto a crianças bem pequenas no contexto da educação infantil.

3 METODOLOGIA



A partir de uma proposta decolonial, fez-se necessário, no que tange a educação da primeira infância, desenvolver um trabalho pedagógico junto às crianças pequenas, que corroborasse em uma escolha epistemológica coerente com os aspectos curriculares da educação infantil, onde as brincadeiras e as interações sejam os pilares. Esta forma de compreensão motivou a construção do projeto com estratégias bem definidas a serem desenvolvidas junto às crianças na faixa etária de dois e três anos de idade, as quais serão detalhadas no tópico a seguir. Em relação aos aspectos procedimentais, em como viabilizar um projeto antirracista na educação infantil, iniciamos com a organização dos espaços, garantindo que neles estivessem presentes bonecas negras e livros de literatura infantil que tivessem predominantemente personagens negros.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira ação – a organização do espaço com a presença de bonecas negras e literatura afro-brasileira

A organização dos espaços na primeira etapa da educação básica é uma premissa importante, uma vez que o espaço é considerado o terceiro educador. A partir do modo como ele é organizado, podemos propor às crianças um ambiente que pode favorecer brincadeiras e interações com enredos significativos. No Colégio de Aplicação Telma Vitória (antigo NDI), os espaços são organizados por áreas de interesse; é comum encontrar nas salas de referência áreas de cozinha, de artes, de blocos, de fantasias, e outros. Porém, não observávamos a construção de um espaço que rompesse com um modelo eurocêntrico de educação e proporcionasse sobretudo que as crianças negras se sentissem representadas e acolhidas a partir dos materiais e brinquedos disponibilizados.

Assim, adquirimos uma boneca negra por meio de recursos das próprias docentes e posteriormente recebemos algumas doações. Fizemos uma pequena campanha para adquirir livros de literatura que abordassem as relações étnico-raciais e a história da África e tivemos algumas doações feitas pelas famílias.

Concomitantemente, adquirimos alguns elementos que remetessem a uma representação de ancestralidade, como tecidos, objetos de barro e madeira e outros. Tais ações possibilitaram que em 2023 organizássemos a primeira área de interesse voltada para a educação das relações étnico-raciais.

Figura I



Fonte: Autor (2023 e 2024)

A segunda ação – brincadeiras envolvendo cuidados

Organizamos no espaço externo da sala um momento de cuidado pessoal com predominância das bonecas negras. A escolha do local foi estratégico porque poderia envolver outras crianças de outras turmas e, também, compartilhar o decorrer da proposta com outros profissionais que estivessem no pátio da unidade.

À medida que observávamos as crianças brincando com as bonecas, atentávamos cada vez mais para o fato de que estávamos quebrando um padrão. Poucas vezes constatei a construção de uma experiência com uma perspectiva antirracista bem demarcada, inclusive na minha própria trajetória profissional.

As crianças brincavam de faz de conta com singular interesse pelo que estavam fazendo. Compreenderam que poderiam organizar uma sequência de afazeres: atribuir papéis como mães e pais, banhar as bonecas, secá-las, trocar as suas roupas, alimentá-las. A diferença era que agora todas as bonecas eram negras.

FIGURA III



Fonte: Autor (2024)

A terceira ação – literatura infantil com abordagem das relações étnico-raciais

Pensamos então em elaborarmos outra proposta que tivesse como foco promover uma educação para as relações étnico-raciais ou antirracista, como optamos por denominar.

Desta vez, lançamos mão dos livros de literatura infantil cujos personagens referenciam o povo negro. Organizamos uma exposição do material no espaço externo da sala de referência e propomos uma roda de contação de história. Alguns livros remetiam às histórias e contos africanos para crianças e foram bastante manipulados. As crianças passaram a ver não os comuns personagens brancos dos tradicionais contos de fadas, mas personagens com os quais muitas delas iriam se identificar.

Em 2024, com outra turma de crianças da mesma faixa etária utilizamos como estratégia uma feira literária. As crianças se reuniam e escolhiam os livros e depois faziam trocas entre si. Expomos os livros em um varal e organizamos uma mesa com diversos livros. Enfatizamos que essa estratégia de disponibilizar literatura infantil com personagens negros às crianças, quebra um paradigma eurocêntrico, no qual, predomina em muitas propostas educativas com personagens brancos em posições privilegiadas, como reis e rainhas.

FIGURA V



Fonte: Autor (2024)

Outras propostas foram desenvolvidas durante o projeto e envolvem escuta de músicas africanas, brincadeiras originárias de países africanos e atividades assentadas em perspectivas que privilegiam experiências ancestrais junto às crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas pedagógicas denominadas de antirracistas, organizadas e desenvolvidas no Colégio de Aplicação Telma Vitória, são compreendidas como estratégias potentes para acolher com a representatividade que merecem e têm direito as crianças negras e celebrar entre todas as crianças a diversidade inerente ao mundo do qual fazem parte, de modo que preconceito ou discriminação ou quaisquer modos de opressão não encontrem abrigo em espaços formais de educação, nem nas relações que se estabelecem na desde a infância.

REFERÊNCIAS

EURICO, Márcia Campos. **Racismo na infância**. São Paulo: Cortez, 2020.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.